

OS USOS DE RECURSOS E DE MATERIAIS DIDÁTICOS NO ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE UMA PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Selma Oliveira Vasconcelos¹

Sirlene Barbosa de Souza²

RESUMO

Essa pesquisa teve como objetivo analisar os recursos e os materiais didáticos utilizados por uma professora da Educação Infantil no ensino da leitura e da escrita e as suas concepções no tocante à perspectiva do “alfabetizar letrando”. Numa abordagem qualitativa, foram realizadas observações das práticas de ensino da docente e entrevistas semiestruturadas e minientrevistas com a mesma, durante e após as observações em sua classe. Os dados apontaram que a professora fazia uso de uma diversidade de recursos e materiais didáticos para ensinar a leitura e a escrita, os quais incluíam desde aqueles reconhecidos como “tradicionalmente escolares”, até os mais modernos, chamados de “tecnologias digitais”, em busca de propor o ensino da língua escrita de forma lúdica e prazerosa para os educandos.

Palavras-chave: Educação Infantil; Recursos e Materiais Didáticos; Alfabetização e Letramento.

INTRODUÇÃO

No Brasil, historicamente o ensino da língua materna nas turmas de Educação Infantil tem sido marcado por discursos e concepções “contraditórias” entre aqueles que defendem e aqueles que fazem críticas ao ensino e a aprendizagem da língua escrita por crianças desse segmento de ensino. A falta de consenso em relação a essas questões tem levado os professores às seguintes indagações: deve-se alfabetizar na Educação Infantil? O que se deve ensinar nessa etapa de ensino em relação à leitura e a escrita? Como ensinar?

Tomando por base que a criança é um sujeito histórico, construtora de conhecimento e inserida em uma sociedade grafocêntrica, na qual os indivíduos fazem uso constante e efetivo da escrita para se comunicarem, faz-se necessário que a escola dê continuidade a relação que ela estabelece com

¹Concluinte do curso de Pedagogia 2017.1 – Centro de Educação UFPE. selmaoliv33@gmail.com

² Doutora em Educação pela UFPE. sirlenesouza23@yahoo.com.br

a língua escrita antes mesmo do seu ingresso na educação formal. Embora não haja uma exigência de que a criança esteja já alfabetizada aos 6 anos de idade como afirma o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCNEI (BRASIL, 1998), essa etapa de escolarização, no entanto, deve ser vista como um momento de uso e contato sistematizado com as várias funções da escrita, com o objetivo de oportunizar às mesmas ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais onde ela (a escrita) se faz presente.

Nessa conjuntura, é de fundamental importância ressaltar que o ensino deve se dar de forma lúdica e prazerosa, através de jogos e brincadeiras que permitam às crianças refletirem e criarem hipóteses sobre os princípios básicos do sistema de escrita alfabética, sobre o seu funcionamento e o desenvolvimento da consciência fonológica. É exatamente nesse contexto, que a seleção e o uso adequado de materiais e os recursos didáticos apresentam-se como importantes ferramentas de mediação no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula, através dos quais, por meio do uso estrategicamente pensado e de forma planejada, o professor poderá ampliar e enriquecer suas ações na sala de aula promovendo a melhoria no ensino e da aprendizagem do seu grupo de alunos.

Nessa direção, o nosso objetivo nesse trabalho foi o de analisar os recursos e os materiais didáticos utilizados por uma professora da Educação Infantil do Grupo V, no ensino da leitura e da escrita e como as atividades por ela propostas a partir desses materiais contribuíam para que as crianças compreendessem a função e a finalidade da língua escrita em espaços escolares e não escolares.

Assim, na primeira parte desse artigo, dissertaremos brevemente sobre a perspectiva do “alfabetizar letrando” na Educação Infantil, à luz das ideias de estudiosos como Soares (1999), Brandão & Rosa (2010), Brandão & Leal (2010), entre outros. Também discutiremos sobre uso de recursos e materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem, mais especificamente, no ensino da língua materna, a partir do que está proposto no RCNEI (BRASIL, 2008) e nas discussões de Freitas (2007) e Kenski (2012).

Na segunda parte desse estudo, apresentaremos os caminhos metodológicos por nós percorridos em busca de respostas às questões por nós

levantadas, além de explicitarmos os procedimentos e os instrumentos usados para a coleta dos dados. Por fim, faremos uma análise dos dados apreendidos e teceremos as nossas considerações finais acerca desses resultados.

1. É possível “alfabetizar letrando” na Educação Infantil?

As divergências entre teóricos quanto ao ensino da língua escrita na Educação Infantil é um assunto em pauta nas rodas de discussões e debates acadêmicos já há muitos anos, o qual tem sido tomado com certo temor e cautela.

Por muito tempo no Brasil houve foi utilizado como critério para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita às crianças recém-chegadas na escola o princípio do “discurso da maturidade” ou da prontidão para a alfabetização. Tal princípio defendia-se que o amadurecimento de certas habilidades cognitivas era fundamental para tornar a criança para adentrar no mundo da leitura e da escrita, algo que ocorreria por volta dos seis ou sete anos de idade (POPPOVIC, 1966 apud BRANDÃO & ROSA, 2010).

Com base nos resultados de pesquisas realizadas no âmbito acadêmico, tal discurso foi sendo superado e os testes preparatórios³ aplicados na Educação Infantil, os quais tinham a finalidade de prover a “maturação” cognitiva das crianças, caíram em desuso, visto que não atendiam aos objetivos propostos de desenvolvimento das funções específicas como aptidões e atitudes consideradas prévias à aprendizagem da escrita.

Nesse contexto, esse discurso da maturidade contribuiu para que por um bom período de tempo, as turmas de Educação Infantil ficassem isentas do ensino da língua materna na sala de aula.

Faria (2005), discorrendo sobre o ensino da língua escrita na Educação Infantil, defende que essa etapa não deve se constituir com uma preparação para o ensino fundamental, visto que a criança, nessa fase, consegue se expressar, sem que para isso precise aprender a “tecnologia da escrita”. No entanto, contrariando essa perspectiva, Brandão e Leal (2010), ao discutir as

³Dentre os “testes de prontidão” o mais conhecido era certamente, o teste ABC (LOURENÇO FILHO, 1957).

práticas pedagógicas nessa etapa da educação básica, afirmam que o ensino da leitura e da escrita não devem ser palavras proibidas e enfatizam que as crianças, antes mesmo de adentrarem no espaço escolar, já trazem consigo muitas experiências com a língua escrita, as quais se deram no contato com a mesma, em diversas situações do cotidiano. Assim, negar essas experiências seria, portanto, seria subestimar as capacidades das mesmas.

Assim como defendem alguns estudiosos (aqui já mencionados) concordamos que o processo de alfabetização deve ter início já desde a Educação Infantil, porém numa perspectiva mais ampla. Nessa mesma direção, Ferreiro & Teberosky (1993) mostraram em seus estudos que a criança já chega à escola com diversas hipóteses sobre o que é a escrita, o que ela representa e qual sua função social; as crianças antes mesmo de ingressarem na educação formal, “percebem” que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes.

Numa perspectiva em que a alfabetização é entendida segundo Soares (1999) como a ação de alfabetizar, ou seja, de levar o indivíduo a “adquirir a tecnologia da escrita” e o “letramento”, como o processo de inserção do indivíduo em práticas sociais em que a leitura e a escrita encontram-se presentes, deve-se investir em práticas de ensino que oportunizem os educandos tornar-se, ao mesmo tempo, “alfabetizados e letrados”.

De acordo com essa autora, alfabetizar e letrar, embora se constituam como processos distintos, os mesmos devem acontecer de forma simultânea, a fim de que a criança tenha uma visão completa sobre a escrita visto que, ao mesmo tempo em que está aprendendo a tecnologia da escrita, ela vê e faz uso da mesma em situações reais que ocorrem no seu dia a dia. Nessa perspectiva, a criança mesmo não sendo ainda alfabetizada, ela incorpora, em certa medida, a leitura e a escrita em suas práticas sociais do cotidiano através de simples gestos e atos.

[...] a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento (SOARES, 1999; p.24).

Com base nesses preceitos e diferentemente da ideia de antecipar etapas do ensino fundamental ou da perspectiva de uma alfabetização precoce, é possível e recomendável que o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita aconteçam de forma lúdica, pautada na interação e na brincadeira.

Nessa conjuntura, é importante criar e garantir na rotina do grupo, situações nas quais as crianças, através de suas professoras, leiam e escrevam diversos gêneros textuais, visando explorar as relações entre a linguagem escrita e a organização do mundo em que vivem, investindo em práticas pedagógicas que “possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciações e interação com a linguagem oral e escrita, e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais e orais” – DCNEI (BRASIL, 2010; p.25).

1.1. Os recursos e materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), as crianças aprendem de forma lúdica e por sua vez o ensino deve ter como objetivo ampliar as suas capacidades de apropriarem-se dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas.

Dialogando com o que está posto nesse documento, Brandão & Carvalho (2010), enfatizam que todas as relações estabelecidas na Educação Infantil, assim com a construção do conhecimento, devem ser, acima de tudo, lúdicas, onde se entrelacem práticas agradáveis e desafiadoras que englobem a criança em todas as suas dimensões. Nesse sentido, faz-se mister que em suas práticas de ensino os professores façam uso de recursos e materiais didáticos diversos, a fim de oportunizar às crianças a elaboração, a transformação e/ou a confirmação de suas hipóteses no tocante ao funcionamento e as finalidades da língua escrita, tornando-se cada vez mais complexo o seu modo de pensar e de agir.

Segundo Freitas (2007), entende-se por recursos didáticos todos os componentes do ambiente de aprendizagem que visam estimular e aproximar o aluno do conteúdo a ser estudado, nesse caso de forma lúdica e através de brincadeiras. Nessa perspectiva, os recursos e materiais didáticos se

constituem como facilitadores da relação professor, aluno e conhecimento e, ainda, como ferramentas educativas que auxiliam na transposição de ideias e conteúdos trazendo-os para a realidade vivenciada pelo aprendiz, desde os mais “simples” materiais, como quadros de giz, por exemplo, até os mais “sofisticados”, como os computadores e outros equipamentos tecnológicos.

Com vistas ao ensino e aprendizagem de crianças da Educação Infantil, o RCNEI (1998) acrescenta que o uso de recursos e materiais didáticos tem relações estreitas com a organização do espaço físico, e que estes, por sua vez, devem ser aconchegante, com almofadas, iluminação adequada além de possuir livros, revistas etc.

É nesse contexto que os jogos e as brincadeiras aparecem como elementos de fundamental importância para a aprendizagem e o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo das crianças. Algumas brincadeiras como “o faz de conta, atividades de imitação e gestos”, na maioria das vezes não necessitam de materiais para serem desenvolvidas, enquanto que outras, para a sua realização, requerem materiais e recursos didáticos concretos, como os jogos, por exemplo, que dependendo do olhar do educador, pode ter inúmeras finalidades, inclusive no processo de alfabetização e letramento.

Em relação ao uso de jogos no processo de ensino e aprendizagem, mais especificamente, Oliveira & Leal (2008), na pesquisa que realizou sobre o uso de jogos como recursos didáticos para apropriação do sistema de escrita alfabética na educação infantil que realizaram, constataram que a professora, ao utilizar esse recurso na sala de aula, não priorizava o seu real objetivo que seria o desenvolvimento da consciência fonológica e a formação de palavras. Para a referida professora os jogos eram vistos como uma possibilidade de se trabalhar limites e regras de convivência como respeitar a vez do outro, por exemplo, com isso, apesar de um discurso em prol da alfabetização desde a Educação Infantil, na prática, a docente desconsiderava o uso dos jogos para tal.

No entanto, é importante destacar, como bem coloca Freitas (2007), que os recursos e materiais didáticos “por mais bem elaborados e diversificados que sejam, não garantem por si só a qualidade e a efetividade no ensino e aprendizagem” (p.23). A simples apresentação ou a utilização dos mesmos de forma indiscriminada, não surtirá efeito algum no processo de ensino e

aprendizagem, pois, que, apenas cumprem a função de mediação e “não podem ser utilizados como começo, meio e fim de um processo didático” (FREITAS, 2007; p.23), assim, é necessário que o educador reflita, planeje e execute adequações específicas que atendam aos interesses e as necessidades dos educandos.

Leal & Rodrigues (2010), dialogando com essas ideias, pontuam que é de vital importância que o professor tenha clareza sobre “*o que ensinar*”, “*por que ensinar*”, “*como ensinar*” e “*que objetivos se quer alcançar*”, deste modo, a seleção e o uso dos recursos e materiais didáticos dependem da ação do educador que deve ter domínio sobre os conteúdos e as metodologias diversificadas.

Souza (2016), em sua tese de doutoramento, em busca de conhecer como se dava o ensino da língua escrita nas turmas dos anos iniciais no Brasil e na França, verificou que as três professoras por ela investigadas, faziam uso de materiais e recursos bastante variados, desde os chamados “mais inovadores” até aqueles que já vêm sendo utilizados ao longo da história do ensino nas escolas, em busca de atingir os seus objetivos para o ensino da língua materna. A partir das suas observações, a pesquisadora pôde inferir que as docentes, ao conduzirem as atividades com esses recursos e materiais, os entendiam como instrumentos que podiam auxiliar tanto na mediação do ensino dos conteúdos escolares e, também, como “instrumentos significantes” que podiam oportunizar aos discentes apreenderem, compreenderem e transformarem, através deles, as suas relações com o meio e com os sujeitos com os quais interagem.

Essa pesquisadora observou, ainda, que um mesmo material ou recurso didático era pelas professoras utilizadas para dar conta de objetivos diferentes: ora explorados com fins mais didáticos, ora para estabelecer relações com as atividades praticadas cotidianamente por meio deles, através do uso que eles próprios e outros indivíduos faziam dos mesmos.

Nessa mesma direção, Souza (2007), ressalta a importância da formação do professor no sentido de dominar os conteúdos de modo que este possa utilizar de forma adequada os recursos no processo de ensino e aprendizagem, e enfatiza que o uso inadequado dos mesmos, pode resultar em “inversão didática”, a qual “ocorre quando um instrumento pedagógico,

idealizado para facilitar o processo de aprendizagem passa a ser utilizado como se fosse o próprio objeto em si mesmo” (PAIS 1999 Apud, SOUZA 2007). Assim, antes de selecionar e utilizar qualquer recurso, é de vital importância que tal ação venha precedida de reflexão pedagógica quanto à sua real utilidade no alcance dos objetivos propostos.

É nessa proposição, pois, que se faz importante que educador conheça as necessidades de seus educandos para planejar e selecionar os recursos mais adequados às suas realidades e aos objetivos que se pretende alcançar na aula, uma vez que, o planejamento e a seleção de recursos e materiais didáticos são ações indissociáveis que determinam a finalidade do ensino na escola.

É preciso refletir para escolher tais recursos. De igual modo, é necessário ter clareza sobre as finalidades do ensino, as finalidades da escola e atentar que nessa instituição, além dos conceitos e teorias, estamos influenciando a construção de identidades, de subjetividades. Assim, na escolha dos recursos didáticos, tais questões precisam se consideradas. (LEAL & RODRIGUES, 2010; p.97)

2. METODOLOGIA

Numa abordagem qualitativa, a nossa pesquisa teve como objetivo analisar o uso dos recursos e materiais didáticos utilizados por uma professora que lecionava em turma da Educação Infantil no ensino da leitura e da escrita.

A nossa opção pela escolha dessa abordagem, se deu por essa permitir ao pesquisador estabelecer um contato direto e prolongado com o ambiente e a situação que está sendo investigado com vistas a considerar a realidade social e a experiência dos sujeitos envolvidos no processo (LUDKE & ANDRÉ 1986) e, ainda, por a mesma ter como objetivo responder a questões muito particulares, visto que “[...] ela trabalha com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2013, p.21).

Para refletirmos de forma mais detalhada sobre o nosso objeto de estudo, traçamos alguns objetivos específicos, a saber:

- Conhecer as concepções da professora investigada em relação à Educação Infantil, ao ensino da língua materna nessa etapa de ensino e

sobre o uso de recursos e materiais didáticos no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita;

- Analisar as atividades e os recursos e materiais didáticos utilizados pela professora no ensino da língua materna.

2.1 Os procedimentos e os instrumentos de coleta dos dados

Para respondermos à questão por nós posta nesse estudo, fizemos uso de dois procedimentos de para coletar os dados, a saber:

- (1) observação;
- (2) entrevistas semiestruturadas e minientrevistas não estruturadas.

2.1.1 As observações

Definida por Minayo (2013) como um processo onde o investigador se coloca em contato direto com uma dada situação social, a observação possibilita colher dados que auxiliam ao pesquisador compreender o contexto onde a pesquisa está sendo desenvolvida.

Nessa perspectiva, entendemos a observação como um procedimento essencial para a nossa pesquisa, uma vez que a nossa pretensão era conhecer o contexto da sala de aula, os materiais e os recursos didáticos selecionados pela professora para o ensino da língua escrita e a fabricação das suas práticas de ensino com os mesmos.

Com o objetivo de registrar essas observações para posterior análise, fizemos anotações no diário de campo, bem como, gravações em áudio das aulas por nós acompanhadas. A coleta dos dados foi realizada em uma sala de aula da Educação Infantil do Grupo V, numa Escola da Rede Municipal do Recife, durante os meses de abril e maio no horário da tarde com carga horária de quatro horas diárias, totalizando um quantitativo de 12 observações, de forma sequenciada, quando foi possível.

2.1.2 As entrevistas e as minientrevistas

Apontada por Minayo (2013) como uma das estratégias mais usadas no processo de investigação por privilegiar a comunicação verbal entre dois ou vários interlocutores, “a entrevista tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa [...]” (p.64). Dada à flexibilidade de sua aplicação, entendemos ser importante o uso desse instrumento, tanto para traçar o perfil da professora, como, também, para saber as suas concepções acerca da Educação Infantil, como e quais os recursos e materiais didáticos ela selecionava para o ensino da língua materna, as suas opções em relação aos mesmos e, ainda, para saber como a docente compreende a questão da alfabetização nessa etapa da educação básica e a perspectiva do alfabetizar letrando.

Nessa proposição, fizemos a opção pela entrevista semiestruturada, por essa, ao se constituir uma variante da entrevista, “combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (p.64). Nesse sentido, fomos fazendo os “ajustes” no roteiro da entrevista à medida que sentíamos necessidade de aprofundar mais uma ou outra questão.

No tocante às minientrevistas, essas tiveram um caráter não estruturado tiveram como objetivo conhecer de forma mais detalhada, as opções da mestra no tocante às suas escolhas em relação às metodologias adotadas, às atividades e os recursos e materiais didáticos selecionados para o ensino da língua escrita na sala de aula e, ainda, quando sentíamos necessidade de um maior esclarecimento sobre o que ela propunha nas suas práticas de ensino e foram realizadas durante todo o período das nossas observações. Ressaltamos que as mesmas aconteceram durante as aulas, nos momentos do recreio e ao término do dia letivo, quando era possível.

2.2 A professora da pesquisa

A professora Ana⁴ ministrava as suas aulas em uma turma da Educação Infantil para crianças do grupo V, com idades médias entre 5 e 6 anos. Possuía

⁴ Para preservar a identidade da docente, nesse estudo iremos chamá-la de “Ana”.

graduação em Pedagogia, curso concluído no ano de 2010 na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

No tocante à experiência profissional, a professora Ana nos informou que no período de 2007 a 2014 exerceu o cargo de ADI (Auxiliar de desenvolvimento Infantil) na rede Municipal do Recife e que a partir de 2014, após ser aprovada em um concurso público para professores da rede municipal de ensino da cidade do Recife, começou a lecionar em turmas do 2º Ano e, posteriormente, na Educação Infantil no grupo IV e, em seguida, no grupo V.

A escolha dessa professora se deu pelo fato de a mesma atuar na Educação Infantil há 4 anos e, portanto, já possuía uma boa experiência com crianças desse segmento e, principalmente, pela sua disponibilidade em participar da nossa pesquisa.

2.3 O campo da pesquisa

A coleta de dados aconteceu em uma sala de aula que fica localizada numa Escola⁵ da Rede Municipal da Cidade do Recife. A Escola A atendia crianças da Educação Infantil que compreende os grupos IV e V com idades médias entre 4 a 6 anos, e funcionava nos dois períodos da manhã e da tarde.

De pequeno porte, a instituição possuía cinco salas de aula, uma cozinha, uma sala para a Direção e professores, uma sala de almoxarifado onde se guardava os materiais didáticos e de papelaria, um pátio para recreação, uma sala multifuncional denominada pela professora de “Sala do Lego” por possuir várias caixas de lego. Nessa sala ainda havia tablets, que eram usados na sala de aula, três mesas interativas, sendo duas delas mesas “Educativa Alfabeto” e uma denominada “Mundo das Descobertas”. A escolha da instituição de ensino se justifica por a mesma possuir diversos recursos e materiais didáticos que são inclusos no planejamento da escola e nas rotinas das professoras da instituição.

A turma da professora Ana era composta por 17 alunos, sendo 12 meninas e 5 meninos, e uma estagiária de acompanhamento especial. No tocante à estrutura física, a classe era pequena, bem iluminada, climatizada,

⁵ Para manter o anonimato da escola, iremos denominá-la de “Escola A”.

possuía mesas e cadeiras novas adequadas às crianças da Educação Infantil, uma TV, um quadro branco e dois armários destinados às professoras da manhã e da tarde. Também havia o Cantinho da Leitura, que ficava localizado no centro da sala com livros de literatura infantil à disposição das crianças.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção, passaremos à análise e reflexão sobre os usos dos materiais e recursos didáticos no ensino da leitura e da escrita na sala de aula da professora Ana. Antes, porém, pensamos ser importante iniciarmos as nossas reflexões apresentando as concepções que a professora possuía no que se refere à Educação Infantil, ao ensino da língua materna nessa etapa de ensino e, ainda, sobre a perspectiva do “alfabetizar letrando”, por acreditarmos que essas informações podem ajudar-nos a compreender melhor os procedimentos metodológicos adotados e as suas opções em relação aos recursos e materiais didáticos selecionados e às atividades que propôs no desenvolvimento de sua rotina por nós observada.

Nessa direção, buscaremos também, sempre que possível, no decorrer da descrição e análise dos dados, estabelecermos relações entre o que ela dizia e o que fazia efetivamente, na prática.

3.1 O uso dos recursos e materiais didáticos no ensino da leitura e da escrita: concepções da docente

Ao questionarmos a professora Ana em relação ao que ela entendia ser o ensino na Educação Infantil, ela declarou que por ser essa a primeira etapa da educação básica, deveria ser responsável pelo desenvolvimento da criança em todos os sentidos e ressaltou a importância de se ter o professor como mediador nesse processo de desenvolvimento integral. Vejamos essas suas colocações no extrato de sua fala a seguir:

A educação infantil deve favorecer um ambiente para a criança brincar, ouvir músicas, dançar, contar, ouvir e dramatizar histórias, desenhar, escrever correr... Caso contrário, a Educação Infantil estará sendo feita nos mesmos moldes do ensino fundamental com crianças sentadas e um quadro branco em sua frente durante todo o turno. A Educação Infantil devia ser um espaço da criança com a natureza, para ela aprender e ter experiências sobre o mundo e não em uma sala pequena.

Durante as observações pudemos constatar a concretização dessas afirmações ao serem propostas pela mestra, aulas dinâmicas que evidenciam as várias atividades lúdicas citadas por ela para o ensino e aprendizagem das crianças. Diante do que diz e do que faz, pudemos verificar que Ana demonstrava ter clareza sobre como deveria acontecer o ensino nas turmas desse segmento. Suas colocações vêm dialogar com o que é proposto pelo DCNEI (BRASIL, 2010), que enfatiza a promoção do desenvolvimento integral da criança de 0 a 5, tendo como eixos norteadores as interações e as brincadeiras.

Em relação ao ensino da leitura e da escrita nessa etapa de ensino, Ana considera fundamental que aconteça já desde a Educação Infantil, pois oportunizam as crianças a se familiarizarem com o universo da escrita na escola. Sob o entendimento de que o termo alfabetização se remetia ao ensino sistemático da língua escrita, ou seja, ao ensino da “tecnologia da escrita” (SOARES, 1998), a professora declarou que acreditava que não deveria alfabetizar as crianças na Educação Infantil e justificou essa sua concepção ressaltando que nessa etapa de ensino era importante inserir os alunos no mundo da escrita, porém numa perspectiva “diferenciada”, onde as atividades com a língua escrita na classe estivessem relacionadas com o uso que as crianças dela fazem em contextos extraescolares, pois, que, ao chegarem à escola, elas já possuem bastantes experiências com materiais escritos.

Vejamos essas colocações de Ana em um dos fragmentos de sua fala colhida durante a entrevista com ela empreendida:

Paulo Freire já dizia que alfabetizar é fazer uma leitura do mundo, né? Pra mim, alfabetizar é também letrar, tornar os alunos letrados, mas alfabetizar é, sobretudo, conhecer as letras, conhecer os suportes textuais também e se familiarizar com eles, saber que para fazer um cartão pra mãe se usa as letras... Então seria o conjunto de decodificar e fazer leitura de mundo.
--

De acordo com a fala da professora, podemos verificar que ela entende alfabetização e letramento como dois processos distintos e que acredita que na Educação Infantil, o ensino da língua materna deve estar voltado principalmente para a questão do letramento, a partir de atividades e de textos que façam parte do universo das crianças. Essas colocações de Ana dialogam com as ideias de Ferreiro (2001) quando afirma que a língua escrita, por ser

um objeto social e assim fazer parte do nosso patrimônio cultural, é muito mais que um mero conjunto de formas gráficas, portanto o ensino da língua escrita não se restringe a apenas conhecer as letras e identificar seus sons iniciais.

No entanto, embora Ana tenha afirmado que acreditava que o ensino mais sistemático da língua escrita deveria acontecer a partir do 1º Ano, em nossas observações verificamos um grande investimento da sua parte, em atividades que tinham como objetivo levarem os alunos a identificarem e a aprenderem os nomes das letras, bem como de formação, identificação e leitura de sílabas, através de atividades, principalmente, de aliteração.

Ao questionarmos a mestra sobre o seu investimento nesse tipo de atividades, ela declarou:

Eu pretendo que todos os alunos no final do ano já conheçam todas as letras do alfabeto e saibam o nome de cada letra, se é um “M” saibam que é o “M” tem um som, saibam que “M” é de mamãe, que “M” é de Maria... Que aí já é um passo importante para o 1º ano.

Os objetivos pretendidos pela mestra são relevantes para a apropriação do sistema de escrita alfabética, uma vez que ao identificar as letras e os sons iniciais, os alunos estão refletindo sobre as unidades menores que compõem a palavra. Como bem pontua o RCNEI (BRASIL, 1998), na Educação Infantil as crianças podem e devem avançar na aprendizagem da língua escrita, por meio da inserção de brincadeiras e atividades lúdicas que as ajudem a pensar sobre os sons das palavras, como as rimas e aliterações e, até mesmo, através da construção de pequenos textos tendo a professora como escriba. Assim quando a criança está inserida em um universo letrado uma relação com a escrita é estabelecida desde muito cedo.

Na seção a seguir, discorreremos sobre os recursos e os materiais didáticos selecionados e utilizados pela mestra para o ensino da língua materna em sua classe.

3.2 O uso dos recursos e materiais didáticos no ensino da leitura e da escrita

No período em que estivemos na sala de aula da professora Ana, presenciamos em sua rotina uma variedade de atividades que envolveram o ensino da leitura e da escrita de forma lúdica, a partir de dinâmicas, músicas,

vídeos, dramatizações e rodas de leitura, com ênfase na interpretação, na leitura e no reconhecimento e escrita de palavras e com o uso de materiais e recursos didáticos diversificados.

Entre as atividades propostas pela professora, estavam desde aquelas destinadas ao conhecimento e à familiarização com as letras e a sua relação com determinados fonemas, de contagem de letras, etc., como, também, atividades que tinham como objetivo levar os educandos a perceberem a funcionalidade da língua escrita e que a mesma encontra-se presente no cotidiano das pessoas com diferentes finalidades.

Tomando por base o que Freitas (2007) conceitua como recursos e materiais didáticos – todos e quaisquer materiais e equipamentos didáticos também conhecidos como “tecnologias educacionais”, utilizados em um procedimento de ensino, cujo objetivo visa à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo a ser estudado.

Para uma melhor visualização das suas práticas de ensino da língua materna, passaremos à amostra de um quadro com a rotina desenvolvida por Ana no período em que estivemos em sua classe coletando os dados desse trabalho:

Quadro 1 - A rotina da Professora Ana:

DATAS	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES	RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS
17/04/2017 Segunda-feira Aula 1	1-Leitura do livro paradidático “Branca de Neve e os sete anões”; 2-Reflexão sobre a escrita das palavras “Branca de neve”; 3-Exibição do vídeo Branca de Neve e os sete anões.	1-Livro de literatura; 2-Quadro branco; 3-Notebook e TV.
19/04/2017 Quarta-feira Aula 2	1-Leitura da lenda “Índia Naiá”; 2-Produção de cartaz coletivo com desenhos (a história da índia Naiá), e escrita do título; 3-Exibição do vídeo Kuiatã, Jaci e a Lua; 4-Exploração da escrita da palavra “índio”; 5-Recorte e colagem da palavra Índio no caderno.	1-Texto xerografado; 2-Cartaz; 3-Notebook e Projetor; 4-Quadro branco; 5-Caderno.
25/04/2017 Terça-feira Aula 3	1-Dinâmica de reconhecimento dos nomes através das fichas; 2-Apresentação e discussão da música os três porquinhos; 3-Encenação com fantoches da história os três porquinhos; 4-Exploração de jogos digitais de alfabetização (alfabeto melado).	1-Fichas de nomes; 2-Notebook; 3-Fantoches; 4-Tablets.

27/04/2017 Quinta-feira Aula 4	1-Apresentação da música o cravo e a rosa; 2-Interpretação oral da música o cravo e a rosa sobre o tema solidariedade; 3-Exploração da escrita das palavras “cravo e rosa”; 4-Recorte e colagem das palavras “Cravo” e “Rosa”.	1-Notebook; 2-Música; 3-Quadro branco; 4-Caderno.
03/05/2017 Quarta-feira Aula 5	1-Reconhecimento e leitura dos nomes através das fichas; 2-Roda de leitura do livro de literatura - Tanto, tanto; 3-Reconhecimento e exploração da escrita da palavra Família; 4-Identificação das letras do alfabeto, dos números e construção da escrita dos nomes no tablet.	1-Fichas de nomes; 2-Livro de literatura; 3-Quadro Branco; 4-Tablets.
04/05/2017 Quinta-feira Aula 6	1-Roda de leitura do livro de literatura – Coisas Importantes; 2-Escrita dos nomes dos membros da família; 3-Apresentação de vídeo da Peppa Pig.	1-Livro de literatura; 2-Caderno; 3-Notebook e Projetor.
05/05/2017 Sexta-feira Aula 7	1-Leitura deleite no livro de literatura “O pequeno crocodilo”; 2-Bingo de letras com exploração das letras iniciais das palavras; 3-Escrita do nome próprio, identificação do alfabeto e jogos para identificação das letras na Mesa Educacional Alfabeto.	1-Livro de literatura; 2-Cartela de bingo; 3-Mesa Educacional Alfabeto.
08/05/2017 Segunda-feira Aula 8	1-Apresentação da música “Mamãe eu queria agradecer” (com legendas). 2-Exploração da palavra “Mãe”. 3-Produção de lembrancinha para o dia das mães ou da família na escola com o registro da escrita do nome das crianças.	1-Notebook; 2-Quadro branco; 3-Materiais recicláveis – papelão.
09/05/2017 Terça-feira Aula 9	1-Reflexão sobre a escrita e identificação do nome das mães das crianças no quadro; 2-Escrita no caderno do nome das mães das crianças, cada criança escreve o nome de sua respectiva mãe; 3-Atividade (xerografada) para casa colar dentro do balão palavras que começam com a letra “M” de mamãe.	1-Quadro branco; 2-Caderno; 3-Ficha xerografada.
15/05/2017 Segunda-feira Aula 10	1-“Hora da chamadinha”, reflexão sobre a escrita do nome próprio; 2- Roda de leitura no livro de literatura “Vidinha boa”; 3-Contação de histórias pelas crianças (leitura de imagens); 4-Atividade livre no Tablet, (mediada pela mestra).	1-Ficha de nomes e Quadro branco 2-Livro de literatura; 3-Livro de Imagens; 4-Tablets.
17/05/2017 Quarta-feira Aula 11	1-“Hora da chamadinha”, escrita do nome no quadro (cada criança escreve seu nome com ou sem auxílio da ficha); 2-Roda de leitura deleite: livro de literatura “Abraço Apertado”.	1-Quadro branco e Ficha de nomes; 2-Livro de literatura.
18/05/2017 Quinta-feria Aula 12	1-Apresentação de vídeo via “youtube” como fazer massinha de modelar caseira; 2- Exploração oral do gênero receita e atividade escrita dos ingredientes e quantidades; 3-Preparação e produção de massinha de modelar	1-Notebook e TV; 2-Quadro branco; 3-Ingredientes.

	com o uso dos ingredientes apresentados no vídeo: Farinha de trigo, óleo, corante e sal.	
--	---	--

Conforme evidenciam os dados do quadro acima, presenciamos na rotina da mestra uma variedade de atividades que envolveram o ensino da leitura e da escrita de forma lúdica, a partir de dinâmicas, músicas, vídeos, dramatizações e rodas de leitura, com ênfase na interpretação, na leitura e no reconhecimento e escrita de palavras e com o uso de materiais e recursos didáticos diversificados.

De acordo com os dados exibidos na tabela, verificamos que a docente fez uso de um número diversificado de recursos e materiais didáticos⁶ para trabalhar com a língua materna durante os 12 dias em que estivemos em sua classe.

Para o trabalho com a **leitura**, mais especificamente, nós observamos que os livros de literatura foram um dos recursos explorados com maior frequência pela mestra, estando eles presentes em sua rotina em 6 do total de aulas por nós acompanhadas, correspondendo, assim, a um percentual de 50%. Esses livros, os quais compunham o “Cantinho da Leitura”, faziam parte do acervo da escola e ficavam acessíveis para que as crianças os manuseassem.

Os livros eram por Ana utilizados geralmente no início das aulas, para dar conta de objetivos distintos, como, por exemplo, para explorar uma temática ou um determinado assunto, buscando sempre estabelecer uma relação desses textos com o contexto social dos alunos e para propor atividades de leitura e de escrita de palavras, sílabas e letras. Observamos que durante as leituras algumas crianças faziam de conta que estavam lendo por já conhecerem a história, já em outros momentos, a docente os distribuía para os alunos folhearem ou deixava que os mesmos escolhessem os livros que iriam ler. Nesses momentos, as crianças os retiravam do Cantinho da Leitura para

⁶É importante ressaltar que a professora havia recebido da Secretaria de educação da cidade do Recife uma lista com sugestões de diversos materiais e recursos didáticos a serem utilizados no processo de ensino e aprendizagem. Em conversa com a pesquisadora, Ana afirmou encontrar dificuldades no uso de alguns deles devido à falta de tempo para confeccioná-los (já que alguns deles eram manuais) e de formação para produzir e usar os diversos recursos propostos.

lerem a sós em suas carteiras antes do início da aula ou nos intervalos entre uma atividade e outra.

Com esse mesmo objetivo (trabalhar a leitura na sala de aula), Ana também fez uso de histórias que se encontravam escritas nas tarefas xerografadas que ela preparava para os discentes. A partir desses materiais, a docente explorou gêneros variados, tais como contos, cantigas, receitas e lendas. Por fazerem parte do universo infantil, verificamos que os gêneros por ela abordados aguçavam a curiosidade das crianças deixando-as motivadas para participarem dos momentos de leitura.

Nesse contexto, verificamos que Ana também explorou algumas estratégias de leitura para ajudar os alunos compreenderem a história, entre elas, a estrutura da narrativa do texto, as funções do autor e do ilustrador e, principalmente, os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática abordada, a partir da exploração do título da história e de perguntas relacionadas aos nomes dos personagens e às situações ocorridas na história articulando as informações com o que ocorria no contexto social das crianças.

Verificamos, ainda, que embora a docente tivesse esses objetivos ao trabalhar com a leitura, as atividades por ela propostas a partir desses materiais didáticos constituíam-se como o ponto de partida para se trabalhar a letra inicial do título ou da temática abordada no livro como podemos verificar no extrato da primeira aula por nós observada e transcrita a seguir:

Aula 1 - observada no dia 17/04/2017 – Temática Solidariedade

Com o objetivo de trabalhar a temática solidariedade, a professora distribuiu para cada aluno um exemplar do livro de literatura da Branca de Neve. Antes da mestra iniciar a leitura, ela fez algumas perguntas aos alunos:

P: Vocês conhecem a história da Branca de Neve?⁷

T: Sim...

P: Então vamos conhecer essa história do livro pra ver se é igual a que vocês conhecem.

P: Olhem aqui “essa palavra” que está na capa, alguém sabe que palavra é essa?

P: Começa com a letra B..

T: É Branca de Neve... É Branca de Neve, tia...

P: Branca de Neve! Muito bem!

A professora avisou que ia iniciar a leitura do livro e assim o fez. Durante a leitura ela instigou às crianças a completarem a frase de forma oral:

P: Espelho, espelho meu...

T:...Diga quem é mais bonita do que eu...

T: Branca de neve!

A professora deu continuidade à leitura e ao término da mesma pediu que os alunos a

⁷Livro de conto literário: Branca de Neve – Autor: Julie Ane Oliveira; ilustração: Eduardo Azevedo. Editora: IMEPH

recontassem e escreveu no quadro as palavras, “Branca de Neve”:

P: Quantas letras têm branca de neve?

A1: 4...

A2: Não, 5...

P: Não... Então vamos contar aqui no quadro!

T: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12.

P: 12 letras!

P: Quem sabe o nome dessa primeira letra aqui do nome Branca de Neve?

A1: É M...

P: M? M não!

T: B!

P: Isso! É B!

P: Tem alguém na sala que tem B no nome?

A1: Gabriela, tia!

P: Isso, Gabriela tem b no nome, muito bem!

P: Alguém mais tem a letra b no nome?

T: Não!

P: Será? Tem sim, tem Bianca... Bianca começa com a letra B!

Para finalizar passou um vídeo da branca de Neve e ao seu término conversou com os alunos sobre a conexão do vídeo com a história do livro.

Como podemos observar no extrato apresentado, a docente explorou o título da história com o objetivo de que as crianças reconhecessem a letra inicial do título da história Branca de Neve e associassem a primeira letra da palavra “Branca” com a primeira letra dos seus próprios nomes. Para isso, fez uso de três recursos didáticos – o livro para leitura da história; o quadro branco para escrita do título da história e o vídeo para passar a história onde ela buscou fazer a conexão da história do vídeo com o que estava no livro. Isso foi importante para as crianças perceberem que uma mesma história tanto pode se constituir de forma escrita como de forma oral através de vídeos.

Vale ressaltar que o texto estava escrito em forma de rimas, porém essas características não foram exploradas pela mestra que se deteve na repetição das frases sem reflexão acerca dos sons finais das palavras e em atividades de contagem e reconhecimento de letras. Concordamos com Albuquerque & Leite (2010) que para a compreensão do sistema de escrita alfabética na Educação Infantil é de fundamental importância investir em atividades que façam os alunos refletirem sobre os sons das palavras a fim de que eles percebam que as letras podem estar em diferentes lugares e que possuem diferentes sons, dependendo da posição onde se encontram.

Nessa mesma direção, através de textos da tradição oral como as parlendas, adivinhas, trava-línguas, entre outros, cujo foco recai sobre os

aspectos sonoros da linguagem, as crianças, brincando com as palavras, podem desenvolver a consciência fonológica, a qual consiste em refletir conscientemente sobre as unidades sonoras das palavras, contribuindo, assim, no processo de alfabetização (LEAL & SILVA, 2010; MORAIS, 2012).

Vejamos a seguir o extrato de outra aula em que a mestra trabalhou com o gênero cantiga – O Cravo e a Rosa - com o auxílio dos seguintes recursos e materiais didáticos: Música em texto xerografado e quadro branco.

Aula 4 - observada em 27/04/2017 - Temática – Solidariedade

P: Olha aqui quem sabe o que está escrito aqui? Quem sabe?

A1: A...

A2: I...

P: Cravo! O cravo da história!

P: E aqui, quem sabe essa palavra?

T: Rosa, Rosa

P: Muito bem!

P: Aqui é outro personagem da história das flores o cravo e a rosa aqui está escrito rosa.

P: Muito bem!

P: Aqui em cravo, qual é a primeira letra de cravo?

A1: C

P: C, Muito bem!

P: Tem alguém na sala que começa com a letra C?

A1: Christian!

P: Muito bem! Na nossa chamada tem Christian e Christian começa com a letra C.

P: C de cravo, C de casa e C de Christian

P: Quantas letras têm a palavra cravo?

T: 1, 2, 3, 4, 5

T: Cinco!

E nessa mesma proposição foi trabalhada a palavra Rosa, com a identificação da letra inicial e relação com a inicial do nome das crianças e posteriormente a contagem das letras da palavra Rosa.

Assim como no extrato anteriormente apresentado, observamos nessa aula transcrita, a ausência da exploração de rimas das cantigas que é próprio da Educação Infantil, conforme já mencionado aqui, e um grande investimento em atividades que tinham como objetivo levar as crianças “a aprenderem os nomes das letras, em detrimento de um trabalho que ajudasse as mesmas refletir sobre os seguimentos sonoros das palavras” (MORAIS, 2005; p.84).

Cabe ressaltar que não estamos indo de encontro à ideia de que os alunos precisam, desde cedo aprender os nomes das letras, por ser algo intrínseco à curiosidade das crianças, pois como afirmam Albuquerque & Leite (2010), as crianças “ainda muito pequena, já apresentam um interesse crescente para a aprendizagem das letras, principalmente aquelas

relacionadas à letra do seu nome, dos seus familiares e dos seus coleguinhas” (p.93). O que se coloca em questão aqui, no entanto, é o investimento nesses tipos de atividades de ensino em detrimento a outras formas de explorar a língua escrita, como podemos observar na aula acima, por se tratar de uma cantiga, ou seja, a professora poderia ter ajudado as crianças a pensarem sobre a o som das sílabas na construção da escrita das palavras, de forma lúdica e dinâmica.

No que concerne ao letramento, observamos que Ana buscava ampliar as discussões dos assuntos abordados nos livros de literatura e nos textos xerografados por ela propostos, como aconteceu na aula 5 (03/05/2017) em que ela explorou a temática “Família”, presente em um livro de literatura. Assim como havia pontuado durante a entrevista e em momentos de conversas informais com a pesquisadora, a mestra buscou estabelecer uma relação entre o assunto abordado no livro com o contexto social dos alunos, pedindo que os mesmos falassem sobre as suas famílias, as composições das mesmas e sobre o papel e a importância de cada membro para o bom funcionamento da mesma.

No entanto, é importante destacar que embora a mestra tenha afirmado durante a entrevista que o ensino da língua materna na Educação Infantil deveria priorizar questões de letramento, verificamos que a mesma, na maioria das vezes, fez uso das histórias presentes nos livros de literatura e nos textos que ela xerografava para explorar os nomes e a escrita de letras e de sílabas, conforme podemos verificar nos extratos das aulas aqui já apresentados.

Acreditamos que a limitação nas atividades se explica na concepção da mestra do que ela entendia importante ensinar na Educação Infantil. Em conversa informal ela nos disse que possuía dificuldades em relação “ao quê e como ensinar” a língua escrita na sua sala de aula. Pensamos que essa dificuldade de Ana pode ser justificada pela falta ainda de clareza, sobre o que os alunos que integram essas turmas devem aprender nessa etapa de ensino, já que o trabalho com a língua materna na Educação Infantil é cercado de tendências ideológicas e que muitas vezes, reforçam mitos e mal entendidos como o “discurso da maturidade” ou da “prontidão para a alfabetização” (POPPOVIC, 1966 apud BRANDÃO & ROSA, 2010). Mesmo diante dessas incertezas, observamos o esforço constante da mestra em fazer o movimento

de alfabetizar letrando, ao criar estratégias e fazer uso de recursos e materiais didáticos que as crianças manuseavam e faziam uso no seu dia a dia.

Outros recursos didáticos bastante utilizados no ensino da leitura e da escrita foram os jogos. O bingo de letras, por exemplo, foi utilizado pela professora Ana com o objetivo de as crianças identificarem as letras e realizarem a leitura das mesmas e, ainda, das sílabas, em busca de estabelecer relações entre o fonema inicial das palavras com outras que já faziam parte do repertório das crianças. Nesses momentos, a mestra sorteava uma letra e as crianças a marcavam em suas cartelas, ao mesmo tempo em que ela explorava a relação grafema-fonema, ganhando o jogo quem tivesse conseguido pintar na cartela todas as letras. Nessa proposição, além de cumprir a sua função lúdica, o jogo em questão teve claramente a função de ensinar didaticamente.

No tocante ao ensino da **escrita**, verificamos que o recurso mais utilizado com esse fim pela professora Ana, foi o quadro branco. A mestra fez uso do mesmo em 9 do total de aulas por nós observadas, correspondendo a uma porcentagem de 75%. Esse recurso era utilizado por ela para explorar, principalmente, o ensino das letras e das sílabas e se constituía, também, como um suporte para que ela explicasse as atividades às crianças, de modo a facilitar a compreensão e a execução das atividades pelas mesmas.

Com referência ao trabalho com as fichas dos nomes dos alunos, a docente a explorou em 4 das 12 aulas por nós assistidas, com o objetivo de fazer com que os alunos memorizassem os seus nomes e, também, os nomes dos colegas e, ainda, para explorar a escrita dos mesmos. Segundo Antunes, (2008 apud BELUZO & FARAGO, 2016), o trabalho com os nomes próprios pode ajudar as crianças no processo de apropriação do sistema de escrita. Sendo o nome próprio uma fonte de consulta e referência para elas poderem assim a partir dessa referência ela poder refletir como a escrita funciona.

Retornando à tabela de recursos e materiais didáticos, verificamos que Ana fez uso com frequência de recursos tecnológicos digitais para o ensino da língua escrita, tais como as mesas educacionais alfabeto (1 vez), tablets (3 vezes), projetor (2 vezes) e do notebook (7 vezes), sendo esses dois últimos utilizados como suporte para subsidiar suas ações como passagens de vídeos e músicas para o ensino e aprendizagem das crianças.

Durante o período em que estivemos em sua classe, observamos que Ana empreendia certa atenção ao uso de recursos e materiais tecnológicos em suas aulas. Ao questioná-la durante a entrevista sobre a importância de se trabalhar com os recursos tecnológicos, a docente afirmou que busca trazer para a sua prática elementos que despertem o interesse dos alunos, como podemos visualizar no estrato da sua fala:

Hoje em dia as crianças por menores que sejam elas têm acesso a tablets, a celular, a internet... Então é muito importante trabalhar com tecnologia em sala de aula porque se torna mais interessante para o aluno. Eles não vêm mais tanto interesse no quadro e na ficha, porque em casa eles jogam com os celulares dos pais, então eles querem na escola também terem acesso a esses materiais para aprender, aí eu tento usar como ferramenta de aprendizagem.

Conforme podemos visualizar no fragmento da fala da professora, podemos verificar que as suas colocações dialogam com as ideias de Kenski (2012), no sentido de compreender que os recursos tecnológicos atraem a atenção, dos alunos, motiva-os, despertando um maior interesse pela aula. Assim, ao transformarem a realidade da aula tradicional, esses recursos dinamizam o espaço de ensino-aprendizagem, onde anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro, e a voz do professor. É nesse sentido, portanto, que a mestra vê no uso desses recursos oportunidades de proporcionar uma participação mais efetiva dos alunos durante as aulas. Essa mesma dinâmica também foi observada quando ela fazia uso das mesas educacionais no ensino da língua materna. É importante destacar que a mestra demonstrava grande domínio e habilidade em manusear as novas tecnologias.

Com referência ao uso de tablets, mais especificamente, verificamos que cada criança recebia um para a realização de suas atividades. Presenciamos a primeira vez em que as crianças usaram o referido recurso na sala de aula e percebemos que as mesmas, a princípio, sentiam certa dificuldade de manuseá-lo que logo foram superadas. As atividades no tablet consistiam em atividades de escrever, pintar e cobrir as letras do alfabeto, além de jogos para completar a escrita das palavras, as quais vinham precedidas de imagens.

Vejamos a seguir exemplo de uso com o recurso tablet, o qual estava no planejamento da mestra para ensinar as crianças a escreverem seus nomes.

Aula 5 - observada no dia 03/05/2017 – Temática “Família”.

Após leitura deleite do livro “Tanto, Tanto!”⁸ que compunha o acervo do cantinho da leitura, a professora distribuiu as fichas com os nomes dos alunos e, em seguida, um tablet para cada uma das crianças.

P: Eu sei que todos aqui já reconhecem e sabem escrever seus nomes, mas agora nos vamos aprender a escrever o nosso nome no tablet.

T: Eu, tia, Eu...

T: Inaudível.

Os alunos reagiram com imensa surpresa, ficaram todos muito empolgados de posse do tablet.

Dando continuidade a aula, a mestra ligou os tablets dos alunos, acessou o dispositivo Word e de forma individual, orientou cada criança na escrita dos seus nomes.

P: Maria Bianca, que letra é essa aqui? (apontou para a letra “M” que estava aparecendo na tela do tablet)

M: É M, tia.

P: Muito bem, então aperte no M.

A1: Olha tia apareceu...

P: E a próxima letra, qual é?

A1: Ah, já sei, tia! É “A”! Deixa, eu já sei fazer o meu nome!

P: Muito bem, então faça o seu nome completo assim como está na ficha.

Após todas as crianças escreverem seus nomes nos tablets, as crianças passaram para uma atividade a qual não tinha relação com a atividade anterior por consistir em cobrir e pintar as letras (jogo alfabeto melado).

Observamos com o uso do recurso tablet que a mestra buscou ampliar o letramento das crianças, quando ela propôs que por já saberem escrever seus nomes de forma convencional no papel e no quadro as crianças já poderiam avançar e escrevê-los com o uso da tecnologia com a ferramenta Word. No momento desta atividade, apesar de haver um erro de configuração no teclado virtual do tablet o qual substituía automaticamente as letras de forma maiúsculas por letras de imprensa, as crianças conseguiram realizar as atividades com êxito.

No tocante ao notebook, ela fazia uso desse recurso para apresentar vídeos e músicas, os quais serviam como ponto de partida para trabalhar a leitura e a escrita, mais especificamente, o ensino das letras, como ocorreu na aula 8, em que a professora o utilizou para apresentar e ensaiar uma música para o dia das mães e, em seguida, explorar no quadro a escrita da palavra “mãe”. Nessa perspectiva, a professora Ana tomou o notebook como um importante recurso áudio visual para mediar a sua prática pedagógica.

De acordo com Kenski, (2012), as novas tecnologias digitais quando inseridas na educação, possibilitam novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. Portanto quando bem utilizadas, pelo seu dinamismo e possibilidades que oferecem, as novas

⁸ Livro literário. Tanto, Tanto! Autor: Trish Cooke. Ilustrado por Helen Oxenbury. Editora Ática 2012.

tecnologias podem aprofundar e aproximar com mais precisão o aluno dos conteúdos estudados.

Desse modo os recursos possibilitam a ampliação do conhecimento, sendo aliados na superação e no desafio de reverter o desinteresse dos discentes. Diante disso fica evidente que o uso “consciente” dos recursos e materiais didáticos se constitui em uma experiência positiva tanto para subsidiar a prática da mestra quanto para o ensino e aprendizagem das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo buscamos investigar os recursos e os materiais didáticos utilizados por uma professora da Educação Infantil do Grupo V, no ensino da leitura e da escrita e as suas concepções no tocante a perspectiva do alfabetizar letrando nessa etapa de ensino. Ao concluirmos a nossa pesquisa, pudemos constatar que a professora Ana compreendia que os recursos e os materiais didáticos se constituem como importantes subsídios para mediar o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na sua sala de aula. Nesse sentido, a mestra fez usos variados e de forma bastante frequente desses elementos no ensino da leitura e da escrita na sua classe.

No tocante à questão da alfabetização e letramento na Educação Infantil, percebemos que as divergências advindas dos campos teóricos quanto ao ensino da leitura e da escrita nessa etapa de ensino, não se fazia presente nas concepções e nas práticas de ensino da docente, antes, ela demonstrava bastante clareza em relação ao que entendia ser prioridade ensinar ao seu grupo de aluno.

No tocante à alfabetização, mais especificamente, constatamos que embora Ana tivesse afirmado durante a entrevista que com ela empreendemos, que somente a partir do 1º Ano do ciclo alfabetizador o trabalho de alfabetização deveria se dar de forma sistemática, ela propôs atividades variadas, a partir do uso de recursos e materiais didáticos também diversos, para explorar os sons iniciais e os nomes das letras nas palavras. Nessa perspectiva, verificamos, também, que a mestra, a partir dos recursos e materiais didáticos que possuía e fazia uso em sua sala de aula, deixou passar

várias oportunidades de levar os alunos a refletirem sobre o funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) e, assim, desenvolverem uma consciência fonológica acerca da escrita das palavras.

No que diz respeito à perspectiva do letramento, assim como pontuou durante a entrevista, os resultados apontaram que a docente tinha certo cuidado em buscar estabelecer relações entre os assuntos e temáticas abordados nos textos presentes nos livros de literatura e nas tarefas por ela xerografadas, ora se afastando mais, ora menos, do que era vivenciado pelas crianças no seu cotidiano (quando a mestra trabalhou com a temática solidariedade, respeito e família, por exemplo), além de um esforço da mesma, de elucidar alguns aspectos composicionais dos gêneros dos textos estudados.

Diante do aqui exposto, é importante precisar a necessidade que seja realizada novas pesquisas que tenham como foco o ensino da língua materna na Educação Infantil. Nessa perspectiva, acreditamos que a análise e os debates acerca dos resultados provenientes da observação in lócus das práticas de ensino e da explicitação dos saberes que possuem os professores dessa etapa de ensino, podem auxiliar esses profissionais a refletirem e avaliarem as suas ações na sala de aula, ampliando, desse modo, o seu leque de possibilidades de construção de metodologias de ensino que promovam a inserção e a continuidade do processo de aprendizagem da leitura e da escrita, a partir do uso de recursos e de materiais didáticos que fazem parte do universo das crianças que integram, principalmente, a etapa inicial da educação básica.

5. REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. de; LEITE, T. M. R. **Explorando as letras na Educação Infantil** In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S.. (Org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2010.
- BELUZO, A. F; FARAGO, A. C. **O trabalho com o nome próprio na Educação Infantil**. Cadernos de educação: ensino e sociedade, UNIFAFIBE - Bebedouro – SP, 3: (1): 100-118, 2016.
- BRANDÃO, A. C. P; LEAL, T. F. **Alfabetizar e Letrar na Educação Infantil: O que significa?**In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2010.
- BRANDÃO, A. C. P.; CARVALHO, M. J. P. de. **As fichas de atividades de linguagem escrita na Educação Infantil** In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E.

- C. S. (Org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** / Secretaria de Educação Básica. — Brasília: MEC, SEB, 2010.
- FARIA, A. L. G. **Sons sem palavras e grafismo sem letras: linguagens, leituras e pedagogia na Educação Infantil**. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. Amaral (Orgs). **O mundo da escrita no universo da pequena infância**. Campinas: Autores Associados Ltda, 2005.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução GONZALES, Horácio. Coleção Questões da Nossa Época; v.14. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos** – Brasília: Centro de Educação a Distância. Universidade de Brasília, 2007.
- KENSKI, V. M.. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. 8ª edição, Campinas, SP: Papirus, 2012.
- LEAL, T. F.; SILVA, A. **Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua** In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. (Org.). **Ler e escrever na Educação Infantil**. Autêntica editora, Belo Horizonte, 2010.
- LEAL, T. F.; RODRIGUES, S. G. C. **Além das Obras que outros livros queremos na sala de aula?** Ed. Curitiba CRV, 2011.
- LUDKE, M. A, M. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas de pesquisa** - São Paulo: EPU 1986.
- MINAYO, M. C. S. (org.) **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- MORAIS, A. G. **Consciência fonológica e alfabetização: superando Preconceitos teóricos e mantendo a coerência, ajudamos nossos alfabetizando**. Sistema de Escrita Alfabética /como eu ensino. Editora Melhoramento. São Paulo 2012.
- OLIVEIRA P. S. de L; LEAL, T. F. **Explorando jogos didáticos de língua portuguesa em uma sala de aula da Educação Infantil**. UFPE 2008.
- POPPOVIC, A. M; MORAES, G. G. de. **Prontidão para a alfabetização: programa para o desenvolvimento de funções específicas**. São Paulo; Vetor, 1966.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica 1999. Texto publicado no periódico “Presença Pedagógica”, v.2, n. 10, jul/ago., na seção “dicionário crítico da educação”.
- SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. ArqMudi. 2007; 11(Supl.2).
- SOUZA, S. B. **Cenas do cotidiano escolar: o “savoir-faire” dos professores dos anos iniciais no ensino da língua escrita e nos usos do escrito no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.